

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 252/2013

## O FENÔMENO POLÍTICO

Os índices de aprovação popular do Governo Dilma merecem uma análise especial, pelo que têm de extraordinário na elevação dos percentuais positivos e na persistência desse sentimento apurado ao longo dos anos, desde o Governo Lula, não obstante toda a carga diária de críticas da mídia, toda a insistência nas notícias negativas, toda a exploração política do episódio do mensalão, e toda a redução real e muito comentada do dinamismo da nossa economia no ano passado.

É sabido que, no sistema democrático, a política não se rege pela racionalidade mas, antes, pela emocionalidade popular. Daí a importância decisiva do conceito de racionalidade comunicativa, criado por Habermas, para lidar de forma mais ética justa e realística com esses processos da democracia, que não seguem a razão instrumental dos engenheiros e dos positivistas.

Nem mesmo esta razão comunicativa habermasiana, eminentemente democrática, parece explicar entretanto, satisfatoriamente, os julgamentos coletivos e os votos majoritários da política na democracia. Daí o surgimento de outras teorias políticas, como a da luta pelo reconhecimento, formulada mais recentemente pelo ex-assistente de Habermas, Axel Honneth. E parece mesmo que, no Brasil deste início do novo século, um enorme contingente de cidadãos sente-se considerado de uma nova forma, como cidadãos finalmente reconhecidos pela sociedade, e fortalecidos psicologicamente pelo autorespeito que ganharam nesse processo.

Há elementos concretos que embasam este reconhecimento de inclusão; só como exemplo: a maior facilidade de ter um automóvel ou uma moradia digna e equipada; de viajar de ônibus e de avião, e visitar outros horizontes; de vestir-se mais adequadamente, tomar uma cerveja descontraidamente e até de cursar uma universidade. Quantos milhões de brasileiros não adquiriram esta condição nos últimos dez anos e, com ela, não sentiram crescer significativamente a sua autoestima?

São dados relevantes de uma realidade bem concreta que revelam uma mudança reconhecida de status social, e a conseqüente formação de um sentimento forte de autovalorização coletiva e de solidariedade ascendente dentro do seu grupo.

Mas ainda há um outro fator extraordinariamente importante na consubstanciação desse processo de autoengrandecimento coletivo: o povo brasileiro escolheu um dos seus, elegeu um torneiro mecânico para ser seu Presidente, e esta escolha deu certo, e este brasileiro se tornou um líder político eminente reconhecido no mundo.

Todo este sentimento positivo que contaminou uma expressiva maioria da população reflete-se nesses excepcionais índices de aprovação. Encontra, todavia, quase naturalmente, uma contrapartida num forte sentimento negativo de uma minoria restrita mas agudamente descontente com essa ocupação massiva de um espaço que era de sua exclusividade, que garantia sua caracterização destacada como elite, que intimamente justificava sua dominação num pensamento marcado pela velha razão positivista.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 252/2013

Esta reação se manifesta tão aberta e exponencialmente entre os grupos de classe média e alta que muitos observadores temem a reedição de atentados à democracia tão comuns em nossa História. Com efeito, se lhes fosse possível, esses brasileiros, que destilam um ódio incontido às forças políticas que hoje ocupam o poder, recorreriam ao Golpe de Estado, com a mesma pureza de convicção, o mesmo espírito de salvação nacional que lhes guiou no passado golpista. Este sentimento agudo se manifesta numa cólera indignada que está no fundo de suas apreciações extremamente negativas sobre o Brasil de nossos dias.

Eles têm ao seu lado o poderoso instrumento de mobilização que é a mídia tradicional. Mas falta-lhes, para a materialização do golpe o fator decisivo: o apoio das Forças Armadas. Estas, não só trazem viva na memória a condenação geral a que foram submetidas pela ditadura mais recente, como, passaram por um processo de mudança qualitativa em sua composição nos últimos 25 anos.

Em razão da perda de substância política que sofreram com a condenação da ditadura, que resultou numa explícita submissão ao poder civil com a criação do Ministério da Defesa, como ainda das reduções orçamentárias em que foram enquadradas, com inevitáveis conseqüências salariais, as Forças Armadas deixaram de ser atraentes como profissão de prestígio para as classes médias mais altas na nossa escala social e passaram a ser ocupadas por contingentes cada vez maiores oriundos das classes populares. Nesse processo perderam a força de ligação que tinham com os setores elitistas-golpistas, intrinsecamente vinculados ao sentimento da classe média alta da nossa sociedade.

Esta nova feição que os militares brasileiros adquiriram após a ditadura confere uma estabilidade maior à democracia em nosso País: permitiu a eleição e a reeleição de um operário para a Presidência e é capaz de manter o regime de políticas renovadoras de ocupação dos espaços sociais e econômicos por setores cada vez mais amplos dos estamentos pobres e historicamente marginalizados da nossa população; para indignação e ira dos tradicionalmente dominantes.

Graças a Deus, é o que eu posso dizer.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)